

LIBERDADE SÁFICA

ABRIL — SETEMBRO 2024



N.º
73

ISTO
É UMA
ZONA
LIVRE!

— POR QUE USAMOS LÉSBICA* (COM ASTERISCO)?

Lésbicas*: mulheres, cis e trans, e pessoas não-binárias, que se identificam como lésbicas, bissexuais, pansexuais, queer e sáficas.

Enquanto associação de defesa dos direitos das lésbicas* em Portugal, queremos ser um espaço acolhedor para todas as sáficas, todas as pessoas que se sentem conectadas com a identidade e o ativismo lésbico*.

Um passo importante nessa direção é o acolhimento das pessoas lésbicas*, para além das definições - muitas vezes patologizantes - das nossas identidades e expressões de género e das nossas sexualidades.

Daí o descarte do pensamento intolerante que determinaria que uma associação que se diz lésbica devesse ser apenas para "lésbicas de verdade".

Seja esse "de verdade" uma forma velada de exclusão de mulheres trans, pessoas não binárias ou pessoas bissexuais, pansexuais, queer.

A experiência lésbica* não se esgota no amor entre duas mulheres cis, jovens, europeias/brancas e monogâmicas.

Somos múltiplas, somos diversas e o nosso poder enquanto comunidade, a nossa história de resistência se apoia e se alimenta disso.

Tomamos como inspiração a Eurocentralasian Lesbian* Community — EL*C, rede feminista, lésbica* e interseccional da qual fazemos parte, e adotamos o * asterisco como marca gráfica do nosso compromisso.

O Clube Safo é uma associação de defesa dos direitos das lésbicas* em Portugal, somos transfeministas e lutamos por uma sociedade verdadeiramente interseccional.

Se te identificas com o nosso propósito, vem lesbianizar o mundo connosco!

Associa-te em clubesafo.pt

“Liberdade Sáfica: Isto é uma Zona Livre!” é a 73.^a Edição da nossa revista. Conta a história que a origem do nome esteve num episódio ocorrido num dos acampamentos do Clube Safo onde uma das participantes gritou “Isto é uma Zona Livre!”. A primeira Zona Livre remonta a 1996 e, passados estes anos, quisemos honrar o arquivo histórico que é esta revista com a temática da Liberdade Sáfica.

O ano de 2024 trouxe importantes novidades para o Clube Safo. A primeira edição deste ano da revista Zona Livre abre com a divulgação dos projetos e atividades que têm sido desenvolvidos. Estivemos à conversa com Sara Oliveira e com Alexa Santos, da direção do Clube Safo, que nos contaram tudo e que reforçaram a importância deste trabalho ativista que tem sido desenvolvido.

Neste ano, comemoramos também o 50.^o aniversário do 25 de abril, pelo que quisemos marcar os festejos desta data tão importante para a comunidade sáfica. A partir da Revolução de 1974, começou a ser possível sedimentar realidades associativas e legislativas. Começaram a surgir as primeiras associações na luta pelos direitos da comunidade, como é o caso do Clube Safo. É graças à liberdade conquistada que é possível organizar-se estes projetos e atividades da associação que falamos nesta revista e que promovem a visibilidade das pessoas lésbicas*. Além disso, a legislação portuguesa começou a prever direitos, tais como, entre outros, o casamento (2010), a adoção (2016), a pro-

criação medicamente assistida (2017), o direito à autodeterminação da identidade de género e expressão de género (2018) e a proibição e criminalização das “práticas de conversão” (2024).

Neste sentido, o texto “E antes do 25 de abril de 1974? Opressões e resistências lésbicas na ditadura”, de Raquel Afonso, fala-nos de alguns resultados da investigação que tem feito, ao longo dos últimos anos, sobre homossexualidade antes do 25 de Abril. Nele ficamos a conhecer, durante o período do Estado Novo, não só opressões sociais vivenciadas por mulheres lésbicas cis, mas também as suas práticas possíveis de resistência no quotidiano. Já Fabíola Cardoso fala-nos de “Um Abril por cumprir”. Neste texto, reflete-se sobre o que foi conquistado desde a Revolução de Abril, mas também sobre como a liberdade e igualdade, prometidas após esse momento marcante da história portuguesa, ainda são um sonho por cumprir.

Por outro lado, e com a reflexão deixada por Fabíola Cardoso, se falamos das mudanças legislativas e políticas que a Revolução dos Cravos comportou e da sua importância, é igualmente crucial olharmos para o contexto atual e para as eleições ocorridas em 2024, volvidos estes 50 anos. Por isso, esta edição quis focar nesta temática das eleições, nas implicações que estas têm na vida das pessoas e na forma como tudo é político. O texto “Resistência Queer?”, de Ema Gonçalves, mostra precisamente a confluência entre o pessoal e o político. Numa partilha

íntima sobre acontecimentos da sua vida pessoal relacionando-os com questões como o avanço da extrema-direita em Portugal e a Palestina, fala-nos sobretudo sobre a capacidade de resistir. Pegando na ideia transmitida por Angela Davis sobre “a liberdade é uma luta constante”, quisemos marcar nesta revista que, tudo o que foi conquistado ao longo destes anos, será para manter e para melhorar no presente e no futuro.

É com arte que também se faz a luta. Para tal, contámos com as ilustrações de Catarina Cardeira, Daria Shvartcman, de Laura VD e de Inês A. e com as colagens analógicas de Joana Rita e de Leo Perene. Já Marie Jiménez traz-nos ilustrações, inseridas dentro do projeto How To, enquanto um manual ilustrado de como fazer um strapon com uma corda. Conciliando duas formas de arte através de ilustrações e de poemas, temos as partilhas de Islanda Larissa, de Beatriz Graça e de Inês. Com o ensaio “Se tu olhas para mim, para quem é que eu olho?”, Francisca Antunes trouxe-nos para esta revista a sétima arte.

Em “Um Quarto Que Seja Seu”, Virginia Woolf escreveu “Feche à chave todas as suas bibliotecas; mas não há portões, nem fechaduras ou ferrolhos que possam aprisionar a minha liberdade de espírito”. Foi sem deixar aprisionar a sua liberdade de espírito que Margarita, Poesia Paralela, Luciana Queiroz, Vero Occam, Rigah e Pilar Granger partilharam nesta edição a sua poesia, expressando através dela não só emoções, vivências e realidades, mas também formas de resistência.

Esta revista dá também voz às vivências das pessoas que quiseram contar-nos as suas histórias. Camila Lamartine, com a sua crónica “Diário de uma Noiva Lésbica”, fala-nos sobre o percurso que tem trilhado durante a organização do seu casamento. Embora, como referido, o casamento seja legal desde 2010, vivemos num mundo onde este ainda é idealizado pelo prisma heteronormativo. Neste sentido, Camila veio alertar para as dificuldades que enfrentou e mostrar a capacidade de as desbravar.

Já Nina, com um testemunho sobre ser Mulher Trans, procurou dar-nos a conhecer a realidade portuguesa, partilhando connosco as diversas experiências que tem vivenciado socialmente. Embora atualmente vigore o direito à autodeterminação da identidade e expressão de género, através da Lei n.º 38/2018, de 7 de agosto, as medidas legislativas, que tanto têm para melhorar neste contexto, nem sempre andam de mãos dadas com as mudanças sociais e estruturais e é precisamente disso que Nina nos fala.

A Carta Aberta dirigida a um Cavaleiro e assinada por Uma Pessoa Capaz fala-nos sobre o machismo enraizado na sociedade. Através dela, percebemos comportamentos patriarcais e as suas consequências nefastas na vida das pessoas que se identificam ou são percepcionadas enquanto mulheres.

O ensaio “Queer Migration and Post-Colonial Dynamics in Brazilian Migration to Portugal”, de Isadora Pinheiro, vem-nos mostrar o conceito de “migração queer” e a dupla mar-

ginalização de migrantes queer, com ênfase no legado colonial e pós-colonial que se mantém bem presentes. Este artigo vem-nos mostrar a necessidade de compreender a influência que o contexto histórico do colonialismo tem na dinâmica social das pessoas migrantes queer brasileiras em Portugal, sendo que só com essa compreensão será possível entender e apoiar melhor os desafios enfrentados.

Com esta primeira edição de 2024 lançada, é com muito ORGULHO e com uma imensa emoção que agradecemos a todas as pessoas que fazem com que esta revista histórica no mundo lésbico* em Portugal continue a ser possível. Na entrevista que enceta esta revista, Sara Oliveira e Alexa Santos falam-nos sobre a importância do cuidado dentro da comunidade, pelo que a Zona Livre procura também ser um lugar para cuidarmos da nossa comunidade. Com a *Liberdade Sáfica* assente nas temáticas da Revolução de 25 de Abril, das eleições ocorridas neste ano, das artes sáficas como forma de resistência e de partilha de experiências pessoais, esperemos que aproveitem e que gostem desta nossa Zona Livre!

CLUBE SAFO

A coordenação da **Zona Livre** esteve à conversa com **Sara Oliveira** e com **Alexa Santos**, da direção do **Clube Safo**, sobre os novos projetos e outras atividades que estão a ser desenvolvidas. Como nos contou a Sara, os projetos **Lesbian 360º** e **Léstória** “são os que estão a ocupar mais tempo, mas também são os que estão a ter uma intervenção maior e uma amplitude maior de ação”. Mas as intervenções não ficam por aqui. Vamos conhecê-las!

LESBIAN 360º

“Lesbian 360º é financiado pela EL***C** e, neste momento, é o que tem, então, quatro áreas de ação, em que se inclui a **Zona Livre**, obviamente. Inclui a **reformulação do site**, a linha de apoio **Psilesbose** o **Lesbian Lisbon Tour**. Portanto, é uma abordagem a uma tour em Lisboa com uma perspectiva mais da história lésbica da sociedade, que também existe.” — Sara

“Exatamente, exatamente. Só te faltou falar do nosso documentário. E que dentro também do Lesbian 360º vamos criar um **mapa que vai buscar aquilo que foi feito pela Eduarda Ferreira no LesFriendly**, que era um mapa que foi criado em 2015, para darmos continuidade a esse trabalho e para termos um mapeamento de vários lugares que são *Lesbian Friendly*. Mas que **não só são lugares de entretenimento, são também médicos, ginecologistas**, que normalmente são aquelas coisas que as pessoas nos perguntam “Ah, eu queria uma médica que não me fosse julgar e tal”. Então a gente está a criar também esse mapa.” — Alexa

Para mais informações sobre o projeto, podes aceder ao nosso website clubesafo.pt/projetos/lesbian-360

“Dentro do Léstória, para além do arquivo, que é um arquivo que vai ser feito por pessoas voluntárias, temos também várias sessões de formação que esperamos dar no próximo ano, a pelo menos 100 pessoas diferentes, de diferentes áreas. Portanto, dentro daquilo que normalmente a CIG financia são ou materiais ou formação que a gente dá, não é? Ou seja, materiais podem ser manuais, podem ser campanhas, etc. Ou então, formação que a gente dá para stakeholders e para pessoas. E o que é que nós pensamos? Bom, nós queremos fazer a organização do nosso

arquivo, mas a CIG não vai financiar só a organização do arquivo, não é? Ou seja, não vão estar só a financiar o espaço e o pagamento de uma pessoa a coordenar o projeto. Então, como é que a gente vai conseguir fazer isto? Vai conseguir fazer isto se, depois dissermos que aquilo que a gente desenvolver em termos de conhecimento, a gente depois vai disseminar. Então, vamos ter essa linha de formação. Além disso, uma das outras coisas que também está a acontecer é nós

estamos a apostar na formação interna das pessoas voluntárias do Clube Safo.



Ou seja, nós somos uma direção completamente voluntária, então uma das outras coisas que nós entendemos que é importante para o voluntariado e para a questão do ativismo é não perecer, não é? E portanto, para a gente não perecer, uma das coisas que nós achamos que é importante fazermos é capacitarmos, termos mais formação, percebermos como é que nós cuidamos de nós e então como é que trabalhamos de forma mais eficiente. E então tem sido muito nesse processo.” — Alexa

Para mais informações sobre o projeto, podes aceder ao nosso website clubesafo.pt/projetos/lestoria

TEATRO PLAYBACK

“Além disso, temos várias atividades que estão sempre a acontecer. Mas de projetos que são importantes de falar é o Teatro Playback, que veio de um projeto com o Ispa o ano passado, que basicamente eles ofereceram-nos formação Teatro Playback para nós termos a nossa própria companhia Teatro Playback. E assim foi, não é? **Começámos a fazer teatro**, criámos um grupo, e hoje em dia esse grupo é completamente autónomo, não é? Já não temos um projeto com o Ispa, acabou. Formámos as pessoas e, entretanto, o grupo está a andar.” — Alexa

Podes aceder a algumas informações sobre o Teatro Playback organizado o ano passado aqui clubesafo.pt/eventos/teatro-playback-ispainstituto-universitario-11-de-abril-20h

ACAMPAMENTO SÁFICO

“O nosso acampamento, que é uma atividade que acontece todos os anos, na realidade acaba por ser um projeto, não é? Acaba por ser uma coisa que nós, todos os anos, vamos fazendo e que acaba sempre por ser duas coisas, não é? Uma, é um lugar para a gente falar sobre a história do Clube Safo, não é? Que durante muitos anos fez acampamentos onde começa a história, por exemplo, da Zona Livre, que também faz parte do nosso projeto de Lesbian 360º. Isto porque a história reza, não é? Que foi num acampamento do Clube Safo que uma lésbica disse "Isto é uma Zona Livre!". E depois, quando se pensou no título para a revista, chamámos-lhe Zona Livre. Portanto, **o acampamento é um projeto** →

importante. É uma coisa que nós durante muito tempo não conseguimos fazer por causa do Covid, mas que o ano passado voltámos à coisa, voltámos à carga, voltámos ao Markádia, que também é um lugar histórico e foi um grande sucesso, não é? Nós tivemos quase 50 fufas a acampar connosco ao longo de mais de uma semana, não é? Na realidade foram quase 10 dias, sexta-feira até o domingo a seguir, portanto foi assim uma estopada e correu super bem. Então, este ano vamos voltar a fazer e acho que também vai ser muito giro.” — Alexa

Vê sobre o evento do ano passado aqui

clubesafo.pt/eventos/acampamento-safico-markadia-II-18-agosto-2023

ABRILÉS

“Além disso, acho que é importante também referir que nós este ano começámos com um projeto, como hei-de dizer, partilhado, vá, com outras organizações, que foi o AbriLés. **O mês da visibilidade lésbica não era assinalado por nenhuma organização lésbica.**” — Alexa

“A não ser por nós.” — Sara

“Começou a ser em 2020, quando nós começámos a dizer assim, olha, olha Abril aqui.” — Alexa

“Nós existimos. Olha nós.” — Sara

“Em 2020, acabou por ser um conjunto de conversas online, porque nós estávamos em Covid. Então, falámos, na altura, com o Presidente da CIG, tivemos antigas dirigentes do Clube Safo, tivemos a Ana Aresta, que na altura era a Presidente da ILGA, para discutirmos assim uma quantidade de coisas: **Qual é que é o papel das organizações LGBTQIAP+ na visibilidade lésbica? Qual é que é o papel das organizações lésbicas e das lésbicas? Qual é que é o papel do Estado? Qual é que é o papel de quem pode financiar, de quem está de fora, naquilo que é o trabalho com lésbicas?** Então isto foi em 2020, nós começámos a fazer isto. E depois começámos a ver progressivamente, ao longo de cinco anos quase, as organizações a fazerem picking up. Andavam a dormir na forma, e depois, entretanto, começaram a fazer o bolo e tal, e agora →

a coisa está a fermentar, e acho que a coisa está a acontecer. De tal maneira que este ano deu origem ao AbriLés, que eu acho que é um projeto que faz sentido nomear e que vai começar a ser um projeto para o futuro.” — Alexa

“Convém só salientar uma coisa, é que, no AbriLés, nós fomos a única associação que espalhou as atividades para fora de Lisboa. O resto das associações mantiveram em Lisboa, obviamente nós tivemos ações em Lisboa, mas também tentamos ter fora. Agora, o próximo trabalho para o ano é tentar que as outras associações também façam fora de Lisboa, que não sejamos só nós.” — Sara

Podes aceder à programação do AbriLés deste ano aqui
clubesafo.pt/blog/abril-es-o-mes-mais-lesbico-de-sempre/

E então, qual a importância e a motivação para estes projetos?

“Eu acho que a **criação da comunidade**, para mim, é a questão mais importante. E a questão da comunidade passa exatamente pelo cuidado. E eu acho que isso era algo muito importante para nós e que, às vezes, é complicado quando tens mil e quinhentas coisas a acontecer, também conseguiste ter esse cuidado com quem está a trabalhar. Esse cuidado acabas por ter, não é? Mas fica um bocado para o segundo plano quando tens tanta coisa a acontecer. E nós este ano focamos também muito nisso e eu acho que isso é muito importante e faz parte destes projetos, principalmente desta questão da capacitação. Acaba por nos ajudar a também ter este cuidado e desta criação da comunidade sustentável. E não só, tipo, vamos só criar aqui um grupo de pessoas que trabalham juntas, não. **Criar uma questão de comunidade que seja sustentável, principalmente, a nível das pessoas não entrarem em burnout, que já começa a ser algo muito comum quando se fala de ativismo, e não só de ativismo LGBT, de ativismo em geral.** O *burnout* é uma questão que acaba sempre surgindo. Há poucas pessoas a quererem trabalhar nisso. E as que trabalham acabam por ter sempre muito trabalho. Para mim, acho que isto é muito importante.

Agora, esta questão da comunidade liga-se muito com a visão também para fora, não é? Criar questões para fora, de visibilidade. E é através →

dessa visibilidade e da ocupação do espaço também que acabas por conseguir ter a alteração social. Portanto, acaba por estar tudo junto.”
— Sara

“ Sim, eu concordo plenamente. E acrescentaria duas coisas. Uma é que é importante porque **nós percebemos que as organizações LGBTQIAP+ não fazem um trabalho direcionado para lésbicas**, não é? E que há uma quantidade de recursos a ser produzidos e financiados até para outras questões, questões trans. Nós temos organizações só para, por exemplo, homens que fazem sexo com homens, não é? Mas depois não temos organizações que fazem trabalho só direcionado para lésbicas. Ou seja, não precisava de haver necessariamente uma associação de lésbicas, se as organizações LGBTQIAP+, fizessem esse trabalho. Só que nós percebemos que não fazem. **Nós percebemos que nós, o Clube Safo, fomos a primeira organização no país a fazer um guia de recursos para a saúde lésbica**, não é? **Saúde sexual, de maternidade**, não é? Quer dizer, é de nós começarmos a pensar, se o L está à frente da sílaba, o que é que se passa? Como é que as organizações, as organizações LGBTQIAP+, têm lésbicas à frente, como presidentes, como vice-presidentes, não é? E mesmo assim, os temas das lésbicas não se encontram nas pautas. Não se encontram, não é? Então, eu acho que é super importante haver uma organização lésbica por causa disso, porque existe uma falta. Existe esta falha. Depois, a segunda coisa que eu ia dizer é que as pessoas têm muita sensação de que está tudo feito, não é? Já está tudo ganho. Já está tudo pronto, já não precisamos de mais nada, já temos os nossos direitos, etc. E aquilo que nós percebemos é que não é verdade, não é? **Nós continuamos a perceber uma violência muito grande, principalmente no caso da lesbofobia, com um viés muito de violência de género, muito específico, e que eu acho que é muito importante que nós criemos os espaços para nós existirmos e para nós termos visibilidade**. Ou seja, neste sentido, não é? Não é tanto como a primeira coisa que eu digo, que tem a ver com a nossa comunidade, não é? Com criarmos espaços dentro da nossa própria comunidade e irmos percebendo, criando os recursos dentro da comunidade, é fora dela. Ou seja, nós continuarmos a criar os espaços para nós estarmos nos lugares para falarmos sobre lésbicas, não é? Para falarmos sobre mulheres. Para falarmos sobre não conformidade de género. Para falarmos sobre estas coisas. E nós, as lésbicas, ao longo dos anos, somos as pessoas que trazem estes tópicos. Sempre. Sempre, →

sempre, sempre, sempre. Então é muito interessante. Nós estamos, por exemplo, a sermos convidadas, não é? Nós não éramos convidadas, estas lésbicas não eram convidadas para coisas feministas, por exemplo, não é? E agora somos convidadas para coisas feministas. Ah, porque é o 8 de março, então a gente vai convidar as que são contra o aborto, vamos convidar a que são favor do aborto, vamos convidar as que são contra o trabalho sexual, vamos convidar as que são a favor do trabalho sexual. Ah, e vamos convidar as lésbicas. E é muito interessante... Então, eu acho que é muito importante ter estas duas coisas. Fora que, claro que quando tu tens projetos financiados, e crias capacitação, crias sustentabilidade, que é um bocadinho o que a Sara estava a dizer, depois acabas por também criar, não só a visibilidade, não é? Porque, de repente, já não somos só um grupo de moças que vão acampar para uns sítios. Mas isto para dizer que depois, de repente, começamos a falar com propriedade destes assuntos. **As pessoas que estão à nossa volta começam a perceber que estes assuntos têm propriedade. E de repente começamos a ser incluídas nas coisas**, não é? E é muito engraçado, por exemplo, a Presidenta da CIG, de repente a fazer discurso aqui e ali, não é? De repente, começa a dizer “pois porque nós temos contacto com lésbicas que nos dizem isto e isto e isto. Que nos falam disto e disto e disto”. Então é super importante. E é super importante nestas coisas todas. Para cuidarmos de nós. Para cuidarmos da nossa comunidade. Para cuidarmos de nós dentro do ativismo. E depois para também termos espaço em todas as partes.” — Alexa

“Exatamente. Acho que é isso. Mas isso, lá está, historicamente. **Quando olhas para a história do movimento LGBT, as lésbicas sempre foram este lugar de segurança para as outras minorias**, não é? Éramos, por exemplo, nós que abríamos a porta e trazíamos os assuntos também dessas outras minorias, não é? Portanto, o Clube Safo faz muito isso desde que surgiu.” — Sara

— E ANTES DO 25 DE ABRIL DE 1974?

OPRESSÕES E RESISTÊNCIAS LÉSBICAS NA DITADURA

POR RAQUEL AFONSO

Em contextos políticos ditatoriais, como foi o caso de Portugal entre 1933 e 1974, as pessoas com sexualidades dissidentes ou de género diverso foram patologizadas, criminalizadas e perseguidas socialmente. O lesbianismo era, de alguma forma, menos visível que a homossexualidade masculina, mas as lésbicas também sofreram com as opressões sociais, nomeadamente as de classes subalternas. Este pequeno texto pretende dar a conhecer algumas dessas opressões e, ao mesmo tempo, perceber que formatos de resistência foram utilizados por lésbicas para viverem a sua sexualidade durante o Estado Novo.



OPRESSÃO SOCIAL ÀS LÉSBICAS

De forma geral, a sociedade observava a homossexualidade e o lesbianismo nos mesmos parâmetros que o Estado, ou seja, enquanto associais, criminosos/as, doentes. Além das classificações populares utilizadas para designar as lésbicas², existiam outras formas de estigmatizar as sexualidades dissidentes, o que deixava as pessoas em estado de alerta. Ser lésbica durante a ditadura implicava um olhar constante por cima do ombro.

“ Eu não sabia as implicações totais de ser homossexual no Estado Novo. Também não me abria porque sabia, como sei hoje, que continua a haver um estigma muito grande e sabia que isso poderia ser muito mal aproveitado, conspurcado, por mentes e línguas viperinas e malfeitoras. Daí, eu manter-me ao silêncio, portanto, por saber que isso constituía um perigo social, de ser humilhada, vexada, eventualmente, de a minha vida ser conspurcada por gente de mau caráter. (...) Havia um estigma em relação à homossexualidade. Eu sentia-me bem porque sempre tive consciência limpa e tranquila relativamente ao que sou, ao ser que sou, não é. Portanto, para mim era qualquer coisa que eu sentia como, para mim, naturalíssimo, se bem que não encaixasse nos padrões vigentes, que a sociedade me impunha ou impunha a toda a gente. ” — Alice

No entanto, existia quem afirmasse o seu lesbianismo e acabasse por passar ao lado dos olhares da sociedade. Uma das mulheres que entrevistei, afirma que, depois de contar à sua mãe, aos dezassete anos, passou a dizer a toda a gente que era lésbica.

“ Aqui, trabalhei numa loja de fotografia (...) fui operária... Em todos os sítios onde eu trabalhei toda a gente sabia que eu era lésbica, tive o «cuidado» de dizer, fazia questão disso. (...) Eu acho que se eu disser que sou, o meu comportamento não faz com que as pessoas se afastem, sou uma pessoa normal. Se eu tivesse quatro bracitos [sic] podia ser diferente, mas não. Faço tudo o que as outras pessoas fazem, não vou é para a cama com as pessoas que eles querem. ” — Luísa



Esta relativa permissividade pode ser justificada a partir da pouca noção que existia acerca do lesbianismo. O que não se compreendia totalmente, i.e., as mulheres enquanto seres com sexualidade autónoma e não falocêntrica (Correia, 2017, p. 170), seria mais difícil de reprimir, a nível legislativo ou social. Ana Brandão (2010) afirma também que o menor número de condenadas, em comparação com os homens, também se fica a dever ao facto de se considerar o lesbianismo como uma infração “menor” (p. 310).

A um nível mais particular, observa-se que o lesbianismo era também oprimido pela família, pelos amigos e até no trabalho. Mas o grande medo, além dos olhares da sociedade, era a descoberta da orientação sexual por parte da família.

“ Para mim só... Só pensava que seria uma vergonha para a minha família. ” — Paula

No caso de “Luísa”, desde os dezassete anos que a mãe tinha conhecimento do seu lesbianismo. Mas isso não impediu que os pais a tentassem reprimir, nomeadamente depois do pai descobrir:

“ Não sei, acho que ela nunca gostou de mim (...) e já sabia que eu era lésbica. (...) Não me disse nada, não abriu a boca! O meu pai (...) então descobriu, tinha eu o quê... Vinte anos... (...) e eles engendraram uma história para me levar para Londres... O tratamento em Londres era... está lá os filmes, nos pontos cruciais... Pá! Choque, choque elétrico, e esse era o tratamento. Felizmente, não me levaram. Mas que pensaram nisso, pensaram. ” — Luísa

Concomitantemente, existia uma enorme pressão para seguir com os papéis de género designados, o de esposa e mãe. A situação das mulheres era de tal forma controlada pelo universo masculino que era bastante difícil sair de casa dos pais, a menos que fosse para casar.

“ Ah, sim! Claro, as eternas perguntas de quando é que me casava, os namoros... A minha mãe queria que eu me vestisse como as meninas da época, essencialmente isso. ” — Alice



“ Eu era a ovelha negra da família. (...) o papel da mulher não se encaixava comigo. Aquilo que era determinado pelo Estado Novo eu não queria ser. Nem queria ser dona de casa, nem a mãe exemplar, que era o que se esperava das mulheres nessa altura, que tomassem conta dos filhos e dos maridos e da casa. Isso nunca me passou pela cabeça. ” — Paula

No entanto, esta situação não se verifica para todas as entrevistadas. Enquanto uma das mulheres saiu já muito tarde casa dos pais, sozinha, para se efetivar no trabalho, outra veio viver para Lisboa, também para trabalhar, mas em casa de familiares. Para fugir a esta regra e quebrar a norma havia “Clara”.

“ Eu assim que percebi que queria ter a minha vida e para viver o melhor possível, tinha que ter a minha casa e o meu espaço. (...) aluguei uma casa, e tive dois meses sem dizer que tinha alugado a casa e tive que tomar balanço, porque eu sabia que não era fácil sair de casa da mãe e ela ficou um bocado abalada (...) mas (...) teve problemas com os colegas porque as colegas diziam «Mas porque é que a tua filha sai de casa se não é para casar? ” — Clara

A repressão, tanto por parte da sociedade em geral, como por parte de familiares e amigos, leva a que estas mulheres acabem por autorreprimir a sua identidade lésbica, parcial ou totalmente. “Maria”, apesar de ter tido alguns interesses lésbicos (não consumados) durante a adolescência, acaba por casar com um homem. Casou, afirma, porque “gostava dele” mas também para sair da alçada dos pais, com a impossibilidade de experimentar o lesbianismo na aldeia onde vivia. Este relacionamento é mantido até à possibilidade de divórcio, que só acontece depois do 25 de abril de 1974.

“ Não [tinha de esconder]. Tinha de esquecer. E na aldeia não tinha hipótese de nada. Mesmo que tivesse atração por alguém e visse que alguém tinha atração em mim (...) Era caso para esquecer. Pronto (...) Tu quando casas assumes na tua cabeça que tens marido. E tens que assumir tudo na plenitude, e eu assumi tudo na plenitude (...) ” — Maria



RESISTÊNCIAS LÉSBICAS NO QUOTIDIANO

Ao investigar as opressões e quotidianos lésbicos no Estado Novo, torna-se fulcral procurar as práticas possíveis (Godinho, 2017) que permitem sobreviver em instantes empolgantes, em rotinas necessárias, os seus discursos ocultos (Scott, 1990), pela necessidade de se entender as formas de resistência aplicadas por estas mulheres no seu quotidiano, as armas dos fracos (Scott, 1985), para viverem uma sexualidade que era condenada médica, legal e socialmente.

Neste sentido, as lésbicas precisavam de esconder e dissimular a sua orientação sexual. Tal acontecia através dos seus discursos para com outras pessoas, de forma a garantirem a sua segurança, através do anonimato a nível sexual.

“Eu não dizia que era homossexual, mas não dizia nada! (...) não falava da vida íntima e não aparecia com ninguém.” — Clara

“Para a família... Era tudo clandestino. (...) Eu penso que... Era clandestino. Eu não falei... Não falava a ninguém... (...) Tinha que se reprimir.” — Paula

Goffman (2004 [1991]) afirma que existem estigmas, como a homossexualidade³, que “exigem que o indivíduo seja cuidadosamente reservado em relação a seu defeito com uma classe de pessoas, a polícia (...)” (p. 650). Havia, claramente, a necessidade de esconder, de ocultar uma parte importante das suas vidas.

Existiam diversas formas de ocultar estes “desvios” à norma. Duas raparigas eram geralmente vistas enquanto amigas, independentemente do seu estrato social, acabando por viver, desta forma, mais discretamente o seu lesbianismo. Esta “vantagem” era óbvia para as minhas interlocutoras:

“Como é que eu hei de dizer, nunca escondi, nem escondo, que estive com amigas, que fiz isto ou aquilo com amigas (...) A pessoa escondia não falando, portanto as pessoas não podiam saber qual era [a orientação sexual]. Quando comecei a praticá-la, inclusivamente, aconteceu em casa dos meus pais. Naturalmente, porque como é sabido, as meninas podiam dar-se ao luxo de estar juntas,



de dormir juntas (...) era aceite como expressão do feminino, de amizade no feminino, naturalmente. ” — Alice

No entanto, a situação de “Maria” não foi facilitada por estas condições. Antes de casar com um homem e ainda durante o tempo em que vivia na aldeia, afirma que havia mulheres que percebia serem lésbicas mas que nada se desenrolava com a desculpa de “serem amigas”.

“ As pessoas gostavam de estar juntas, andavam juntas, iam quase sempre juntas para todo o lado e não sei quê, e a gente até via que havia ali qualquer coisa, mas como ninguém abria o jogo, aquilo passava e acabava por ser as tais paixonetas platónicas que ninguém abria o jogo (...) Na aldeia sabe-se tudo. (...) Mas não havia abertura, não havia. ” — Maria

O lesbianismo era tão invisível que várias mulheres que partilharam comigo as suas memórias, chegaram a fazer vida de casal, ainda durante o Estado Novo. Tal podia acontecer por diversas razões, dependentes do contexto onde se estava inserida.

“ Antes do 25 de abril também vivi relações só com uma mulher, já não estava na comunidade. Não era tão estigmatizado, o facto de duas mulheres viverem juntas, porque as pessoas preferiam pensar que eram só amigas (...) Vim viver para Lisboa, com essa minha amiga que eu tinha conhecido. (...) Era um prédio com pouca gente, velhotes, era um prédio antigo. Não conheci ninguém. E ela tinha assim um ar toda muito vampe, loira... Tinha um ar muito feminino, sempre muito bem arranjada, ninguém pensava que ela fosse lésbica. Porque era aquele estereótipo, que as lésbicas são de determinada maneira. ” — Paula

É possível pensar várias justificações para as pessoas à volta destas mulheres, e provavelmente de outras, não darem conta. Prendem-se com razões da “impossibilidade” de uma mulher viver sem o falo; porque o lesbianismo era desvalorizado ou porque era muito “mais simples” pensar que duas mulheres eram apenas amigas (Juliano & Osborne, 2008) impedindo, assim, “uma verdadeira sexualização das mulheres” (Pryde, 2010, p. 128).



Como nos lembra James C. Scott (1990), existem dois tipos de discurso, que são praticados conforme as necessidades das pessoas. Por um lado, o discurso público, visto como autorretrato das elites e, por outro lado, o discurso oculto, o discurso dos subalternos (Scott, 1990). No entanto, a existência de um não exclui, como vimos, a existência do outro. O lesbianismo existia, não se falava era dele. E se é verdade que as pessoas não-heterossexuais engendravam estratégias de ocultação da sexualidade através dos seus discursos, também determinavam igualmente estratégias de resistência através das suas práticas.

Ao não ser possível uma vivência explícita da homossexualidade e do lesbianismo neste período estas pessoas tiveram, então, necessidade de encontrar determinados locais para a prática da sua sexualidade transgressora. Se, para o universo das elites, havia a possibilidade de festas em palacetes e casas particulares, dos bares⁴ e dos clubes, para os restantes, nomeadamente os homossexuais, as possibilidades passavam pelo mundo dos bas-fonds, dos engates nos urinóis, nos jardins, nos cais e estações (Gameiro in Almeida, 2010, p. 170). As mulheres tinham uma maior dificuldade a este nível, pois os homens detinham o domínio da esfera pública (Connell, 1987, pp. 132 e 133; V ale de Almeida, 2000 [1995], p. 153).

Muito provavelmente, dos espaços com maior importância, por variadas razões, estavam os cafés e bares homossexuais, que começaram a surgir no início da década de setenta. Alguns são observados enquanto espaços homossexuais (embora clandestinamente) e outros como espaços que são frequentados por homossexuais ou lésbicas. Desde o seu aparecimento, tornam-se locais de encontro homossexual, menos clandestinos que os referidos anteriormente. A liberdade é condicionada, claro, mas a permissividade é distinta, isto porque existe uma segurança diferente em relação aos restantes espaços. Além disso, estes são espaços com abertura suficiente para acolher tanto homossexuais como lésbicas, embora as últimas frequentassem mais o ambiente das próprias casas, que não parecia suspeito aos demais. Os cafés eram mais utilizados durante o dia e serviam de ponto de encontro entre grupos de amigas. A Brasileira, segundo os relatos recolhidos, era dos cafés e pastelarias onde as lésbicas (e homossexuais) mais se encontravam.

“ Encontrávamo-nos na Brasileira... Todos os dias, todos os dias... Eu fiz escritório da Brasileira! Todos os dias, todos os dias! ” — Luísa



Durante a noite, os encontros eram em bares e discotecas. São vários os espaços referidos pelas interlocutoras, como o Bric-à-Bar ou o Memorial, por exemplo. Das lésbicas que entrevistei, “Luísa” era a mais frequentadora destes locais. As restantes mulheres dão conta que conheciam poucas mulheres nos bares ou não os frequentavam enquanto espaços de engate. Talvez por esse motivo, à época, não existissem bares exclusivamente lésbicos.⁵

“ Eu não... As pessoas que eu conheci nos bares foram sempre de encontros furtivos, não estabeleci relações de amizade sequer com essas pessoas, a não ser com aquelas que já tinham ido comigo. ” — Paula

“ Sim, mas as pessoas que lá iam nós já conhecíamos. Nós não falávamos muito com pessoas desconhecidas. Nós, as mulheres. Os homens sim. ” — Clara

Além dos bares, onde as lésbicas podiam conhecer outras mulheres com a mesma orientação sexual, não existiam espaços determinados para conhecerem outras lésbicas, como acontecia com os homens. A forma de se conhecerem passava, muitas vezes, pelo grupo de amigos/as, que apresentava mais uma pessoa. Alguns sítios habitualmente frequentados e até os locais de trabalho, por exemplo, também permitiam que as pessoas se conhecessem.

“ As pessoas conheciam-se porque, de vez em quando, algum grupo conhecia pessoas novas, que entravam, amigos dos amigos, amigas das amigas, mas um local de encontro não havia. ” — Clara

Ser lésbica era ser antissocial, doente, criminosa. Ser lésbica era não seguir com os padrões normativos vigentes. Era uma vergonha. No entanto, como se viu, existiram estratégias, formas de resistência, que permitiram continuar a viver a sexualidade dissidente. Recuperar estas memórias, dar-lhes visibilidade, é tentar “retirar-lhes” a vergonha porque, tal como diria Ana Luísa Amaral, vergonha não é amar, vergonha é o silêncio (Amaral, 2013, p. 77).

1. Neste texto, a palavra “lésbica” refere mulheres lésbicas cis, independentemente de apresentarem uma expressão de género mais, ou menos, “masculina”. Tal se deve ao facto das entrevistadas se identificarem como mulheres lésbicas cis; 2. Por exemplo, sáfica, tríbade, virago, lésbica, fufa, fressureira (Gameiro cit. in Almeida, 2010, p. 35); 3. Aqui utilizada enquanto termo “chapéu”; 4. No entanto, todas as interlocutoras, mesmo não pertencendo às elites, frequentavam estes bares; 5. Os bares lésbicos aparecem já após o 25 de abril de 1974, presume-se que em meados da década de 80 (não foi possível encontrar a data exata do referido). No entanto, o Memorial, que surge durante o Estado Novo, era mais frequentado por lésbicas, segundo os dados empíricos recolhidos (Cf. Afonso, 2019);

BIBLIOGRAFIA

- Afonso, Raquel. *Homossexualidade e Resistência no Estado Novo*. Ourém: Lua Eléctrica, 2019.
- Amaral, Ana Luísa. *Ara*. Lisboa: Sextante Editora, 2013.
- Almeida, São José. *Homossexuais no Estado Novo*. Lisboa: Sextante Editora, 2010.
- Brandão, Ana Maria. (2010). Da sodomita à lésbica: o género nas representações ho homo-erotismo feminino. *Análise Social*, XLV, 307-327.
- Connell, Robert. *Gender and Power: Society, the Person, and Sexual Politics*. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- Correia, Ana. *Corpo de Delito: A Repressão Policial à Homossexualidade na Primeira Década do Estado Novo – Arquivos da Polícia de Investigação Criminal de Lisboa*, Dissertação de Mestrado, Lisboa: ISCTE-IUL, 2016.
- Godinho, Paula. *O Futuro é Para Sempre. Experiência, Expectativa e Práticas Possíveis*. Lisboa: Letra Livre e Através Editora, 2017.
- Goffman, Erving. *Estigma – Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. LTC, 2004 [1991].
- Juliano, Dolores & Osborne, Raquel. (2008). Prólogo: Las estrategias de la negación. Desentenderse de las entendidas. In Platero, R. (coord.). *Lesbianas. Discursos y representaciones*, Madrid: Editorial Melusina, 7-16.
- Pryde, Dee. (2010). Lésbicas portuguesas no século vinte: apontamentos para a História. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 89, 127-139.
- Scott, James C. *Weapons of the Weak – Everyday Forms of Peasant Resistance*. New Haven and London: Yale University, 1985.
- Scott, James C. *Domination and the Arts of Resistance – Hidden Transcripts*. New Haven and London: Yale University, 1990.
- Vale de Almeida, Miguel. *Senhores de Si. Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 2000 [1995].



UM ABRIL POR CUMPRIR

POR FABÍOLA CARDOSO



Era uma vez um país triste, cinzento. Um país atrasado, subdesenvolvido. Um país muito fechado e só. Neste país ser diferente era crime. Amar diferente era crime. Crime na lei, mas principalmente na sociedade, nas famílias e escolas. O preço a pagar por essa “diferença” era o insulto e a violência, a exclusão e rejeição, a tortura, a prisão ou o exílio. Mesmo nas grandes cidades a heterossexualidade obrigatória convivia, no escuro, com os lugares da “libertinagem”. A perseguição policial era uma constante. A marginalidade era o único chão possível. O preço de alguma liberdade era o medo e, muitas vezes, o ostracismo.

Para as mulheres a situação era ainda mais difícil, numa sociedade em que ser “esposa e mãe” era o destino obrigatório. O manto do silêncio era quase total. Uma vivência lésbica “normal” era inconcebível.

Depois houve A revolução e a esperança brotou. Mas foi rapidamente talhada: “O 25 de abril não se fez para prostitutas e homossexuais”, disse Galvão de Melo na TV.

Foi necessário chegar a 1982 para a homossexualidade deixar de ser crime em Portugal. Passaram só 42 anos, mas fomos o movimento social que mais profundamente transformou a sociedade portuguesa.

Deixo alguns destaques para avivar memórias e semear futuro:

1996 — Nasce, em Aveiro, o Clube Safo, aquela que continua a ser a única associação lésbica em Portugal.

2000 — O Clube Safo propõe às outras associações a realização da primeira Marcha do Orgulho LGBT, que saiu do Jardim do Príncipe Real, em Lisboa, no dia 1 de julho, “por um país orgulhoso da sua diversidade”. Atualmente realizam-se Marchas um pouco por todo o país, sendo importantes momentos de visibilidade, reivindicação e celebração das diversidades.

2016 — Só 6 anos depois da aprovação do casamento entre pessoas do mesmo sexo (2010) foi possível voltar a mudar a lei para que a adoção e a(lguma) procriação medicamente assistida passassem também a ser possíveis.

2018 — Aprovação da lei que estabelece o direito à autodeterminação da identidade de género e expressão de género e o direito à proteção das características sexuais de cada pessoa. Passados 6 anos a lei continua sem ser amplamente aplicada nas escolas e terá de voltar ao Parlamento.

Muito caminho se fez desde esse dia 25, mas o sonho da liberdade e igualdade de abril continua por cumprir para as pessoas LGBT+. Que o digam tantos jovens que ainda hoje nas suas famílias, nas escolas, nas ruas ou no desporto, escondem as cores do arco-íris dos seus sentires e quereres. Fazem-no porque sabem que o ambiente à sua volta ainda não é seguro o suficiente. Sabem dos riscos e ameaças que ainda se fazem sentir.



Pior. Passados 50 anos da esperança de um país digno, os rumores do salazarismo autoritário ouvem-se nos tempos de antena e nos debates televisivos. As sondagens sobre as eleições legislativas marcadas para 10 de março assustam e as notícias vindas do estrangeiro fazem temer o pior: o medo pode voltar.

É urgente conhecer o caminho o que nos trouxe até aqui. Compreender a sua importância política e assumirmos, individual e coletivamente, um compromisso sério com a defesa e concretização plena dos direitos conquistados com tantos anos de lutas.

Cabe especialmente aos mais jovens continuar a alargar caminhos de liberdade e evolução. Para impedir o retrocesso e garantir que os terríveis erros do passado não se repitam jamais.

Esta não é uma questão que diga respeito só às pessoas LGBTQ+, muito pelo contrário, ela afeta toda a sociedade e a própria democracia portuguesa.

Sobrinho dos Gaios

Nota: Publicado originalmente no website dezanove.pt a 28 de fevereiro de 2024.

<https://dezanove.pt/um-abril-por-cumprir-2094578>



Catarina Cardeira

@cathy_doodless





Clube Safo na marcha de 25 de abril de 2024

RESISTÊNCIA QUEER?

POR EMA GONÇALVES
@WTVAZ

2024 foi um ano intenso. Aliás, ainda não está a meio e foi um ano intenso. Ia começar por explicar que de um âmbito pessoal muita coisa aconteceu, mas na verdade nem sempre consigo separar o pessoal do coletivo. Mas bem, depois de quase dois anos a minha relação à distância (sim, e não foi a primeira, eu sei) acabou, e com isso vieram momentos difíceis. Ao mesmo tempo, depois de uma vitória da direita em Portugal e de um crescimento da extrema-direita, em fevereiro houve uma manifestação nazi em Lisboa. Aí, na contra-manifestação anti-fascista levei três bastonadas da polícia, e rapidamente ao meu coração partido juntou-se uma perna pisada com direito a raio-X. Na Palestina, um genocídio em curso, somado a indiferença internacional. Considerando que o meu trabalho como investigadora é escrever sobre resistência, seguiram-se mais momentos difíceis onde não conseguia encontrar forma de teorizar sobre tudo o que estava a acontecer. Então, ao coração partido e à perna pisada juntou-se uma incapacidade de escrever cristalizada sob a forma de um cérebro congelado. Uns tempos depois, e entre definir a distância máxima no Tinder em 2km para não repetir erros e mesmo assim acabar por conhecer alguém de outra cidade, vieram as ocupações das

faculdades pela Palestina. E veio mais polícia chamada às faculdades. Neste cenário, e entre as centenas de comentários nas notícias sobre as ocupações a frisar o quanto mulheres e LGBTs falam, mas se estivessem na Palestina iriam sofrer, apanhei o meu voo para a Palestina. Será uma boa altura para mencionar que estudo a resistência Queer na Palestina, entre a intersecção de diferentes opressões e práticas de cuidado. Lembro-me de ir falar sobre a minha tese de mestrado à Faculdade de Letras do Porto uns tempos antes, uma tese sobre a resistência na Palestina através da rádio, e um homem na audiência monopolizar as perguntas e a conversa. Enquanto eu explicava que via os sistemas de opressão como interligados e as lutas como coletivas e conjuntas, no meio do seu discurso sobre a importação de valores ocidentais recomendou-me/nos ler uns filósofos alemães ou holandeses, também eles homens. Eu respondi que se calhar ler um Calibã e a Bruxa ou Patriarcado e Acumulação a uma escala global também não lhe faria mal. Mas bem, a viagem à Palestina — mais uma vez voltei e o cérebro que estava congelado mais incapacitado ficou. Entre relatos de torturas nas prisões israelitas, a armas do IOF (exercido de ocupação israelita) apontadas a toda a hora, checkpoints, interrogatórios e revistas, discursos desumanizantes, câmeras de vigilância, notícias de mártires assassinados, casas destruídas, árvores e ovelhas queimadas — surge o óbvio que a existência, da qual a queer não é exceção, está como sempre ameaçada pelos sistemas de opressão vigentes, pelo colonialismo, pelo imperialismo, pelo capitalismo. Judith Butler via no Queer um espaço de contestação, de imaginar futuros. Numa aula do doutoramento perguntaram-me porque é que em vez de me focar no Queer não me focava no feminista para ser mais inclusivo, ou porque não nos LGBT de Israel? Não há grande forma de responder ao que sinto que são comprimentos de onda totalmente diferentes, mas vinda da Palestina, e carregando um coração que apesar de já mais recuperado se parte por outros motivos, uma perna que vários meses depois ainda está marcada e um cérebro que não consegue produzir muito mais que este texto, venho também com muita luta. A existência queer é um desafio à norma, é uma luta por futuros diferentes e por liberdades coletivas. A luta Queer é a luta da Palestina e outras tantas lutas. Amor e Luta, sempre.



TAMBÉ HE TINGUT UN SOMNI



Invocación

a la
vida

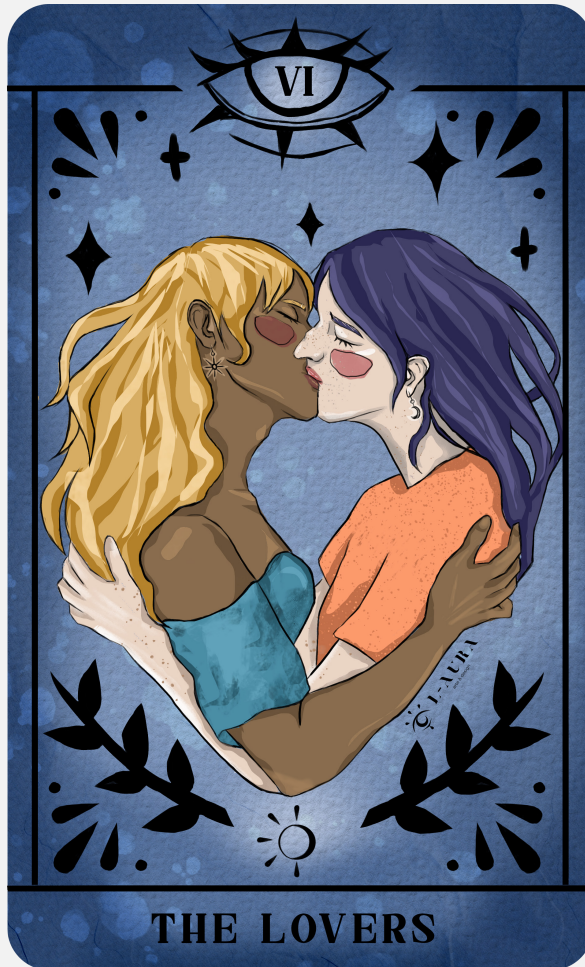




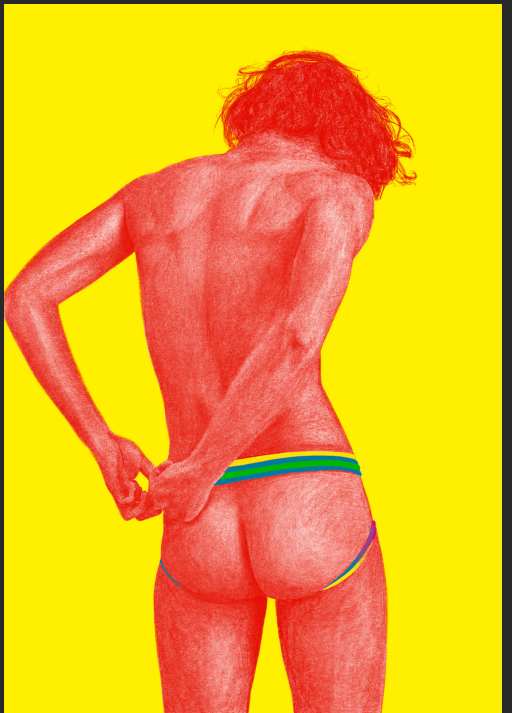
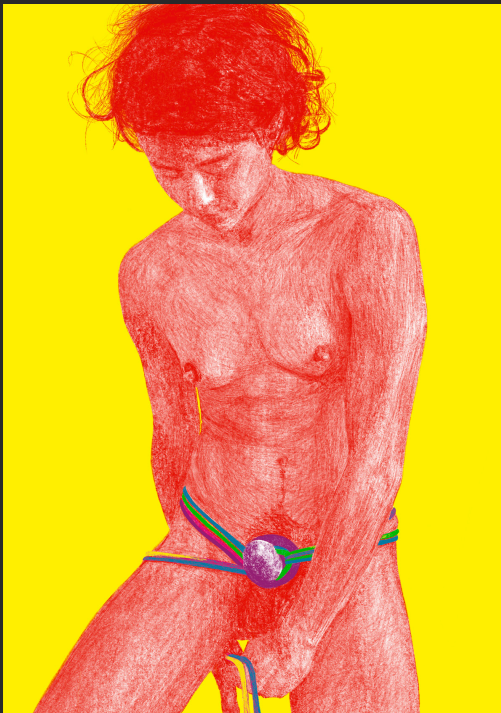
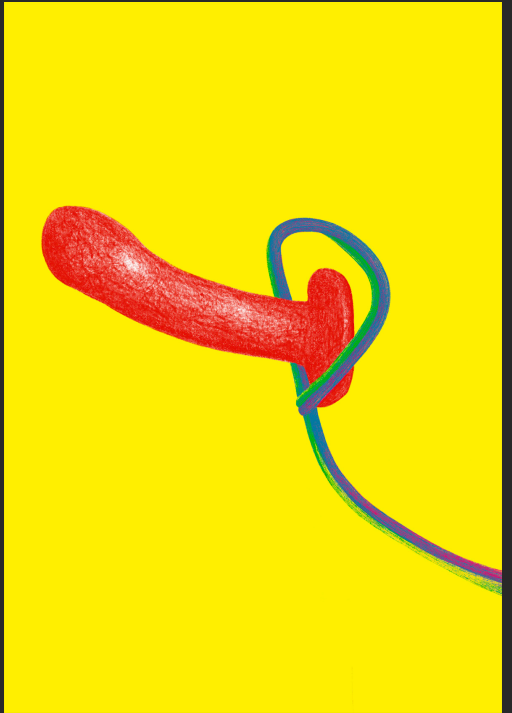
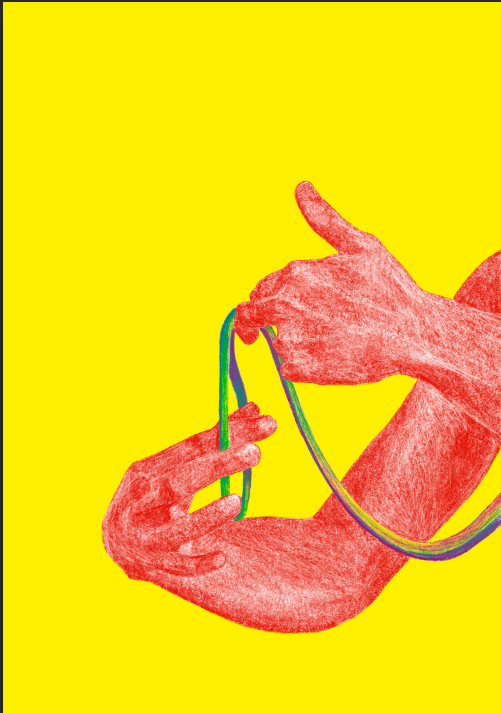
Joana Rita
@inhabiting.joanarita

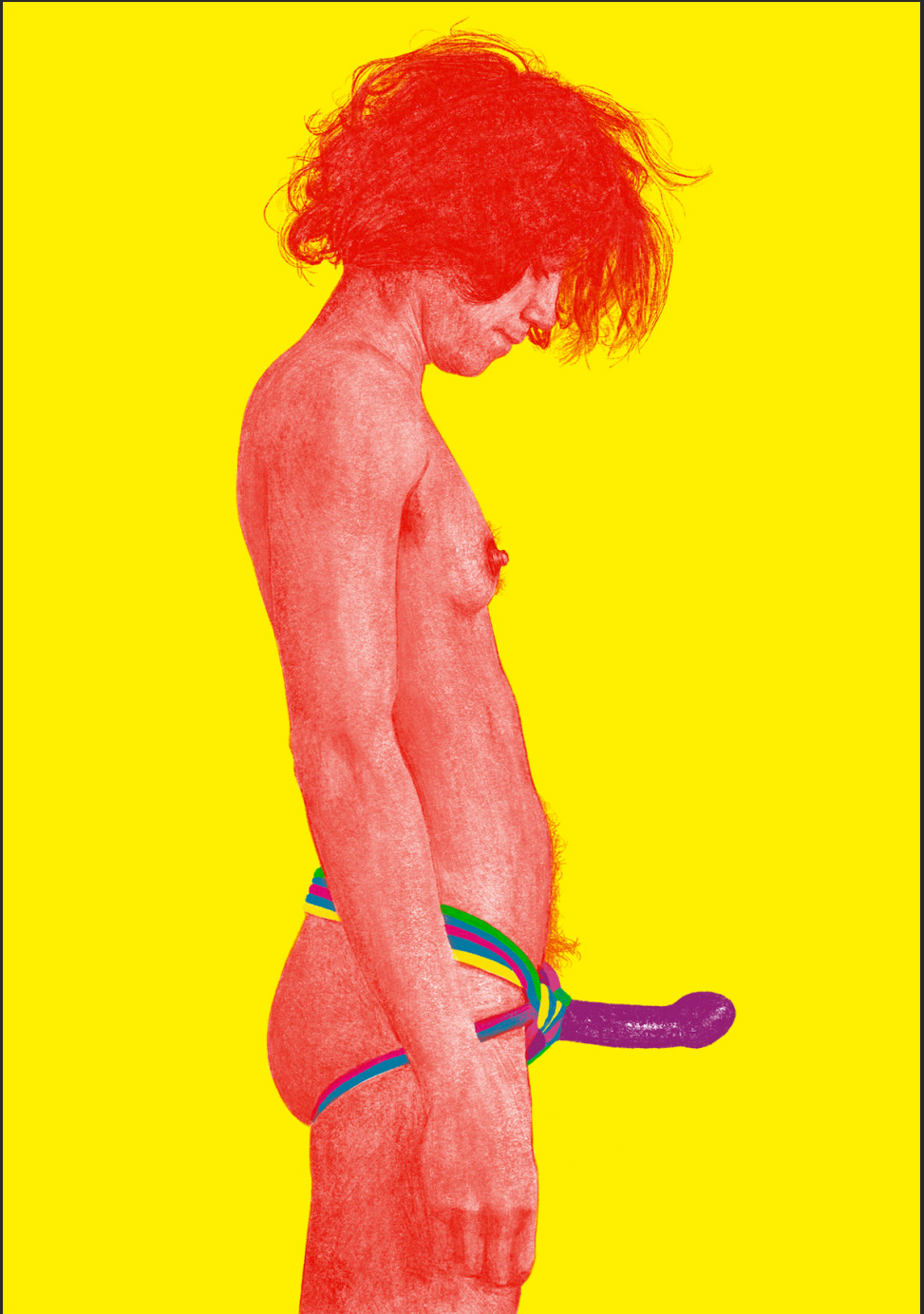


Dasha Shvartcman
@_countdowning_



The Lovers, Laura VD
@l_aura.arts



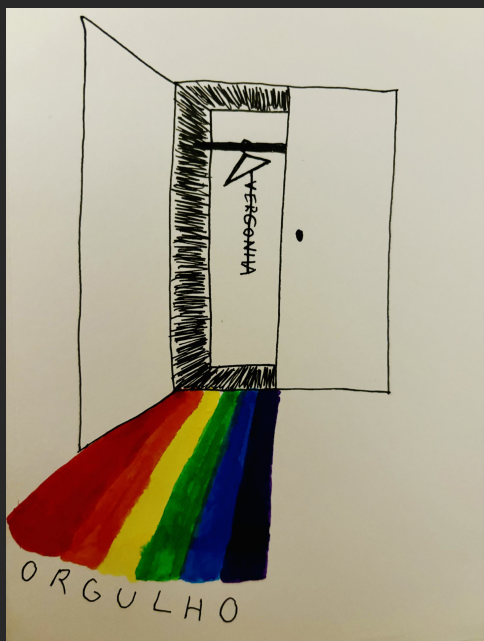


How to, Marie Jiménez

www.jimenezmarie.com; [@smariejimenez](https://www.instagram.com/smariejimenez); [@diostevio](https://www.spotify.com/artist/diostevio)







Armário

Abri um pouco a porta do armário...
Olhei pela nesga,
Será que é seguro?
Mas cá dentro está tão escuro!
Abri um pouco mais...
E pus a cabeça de fora.
Vou me expor assim, a esta hora?
Abri um pouco mais...
Mas era assustador,
E voltei para o interior.
Abri um pouco mais...
Mas a Vergonha
Queria-me tristonha.
Abri um pouco mais...
Pus o pé à mostra,
Afinal não custa!
Abri um pouco mais...
Estiquei o braço e disse “olá!”
E de fora disseram “vem para cá!”
Finalmente, abri a porta toda
E saí de bandeira em riste
E já não fiquei mais triste!



O enigma aqui é subverter o mundo fechado
O fique em casa vivido
O sentimento contido
É encontrar sinais que transcendem as limitações
Encontrar saúde e harmonia
Ampliar as visões
Ir na contra-mão de modelos compulsivos de tratamento heterossexual
Construir com a comunidade o sonho real
Imaginando que não vai ser sempre igual
Potencializando identidades possíveis
Desconstruindo preconceitos visíveis
Valorizando a criação, reflexão e o pensamento crítico
Subordinada apenas pela liberdade
Encontrando a cor da cidade
Com seus beijos construir outras realidades

Islanda Larissa

@artisla_

Ela tem um grande coração,
E ao contrário de todas as ninfas,
Por quem me apaixonei,
Ela é real.

Tem escamas de um verde vibrante,
Mas eu jamais serei seu amante.
Os seus cabelos de frutos vermelhos,
Embelezam todos os espelhos.

Uma voz única,
Invulgar, pura,
Que qualquer alma cura.

Ela não canta para marinheiro.
Sabe seduzir,
Mas não é para qualquer aventureiro.

Tem aparência calma,
Que cessa minha carência d'alma.
Tem, porém,
Coração selvagem.
Outrora, já tenha encontrado seu pescador,
E eu não suporto vê-la em desgosto de amor.

Eu que sou peixe,
Seu amigo.
Não lhe confessarei,
Que talvez me apaixonei.
Porque eu sou peixe,
E espero que esta amizade ela não deixe.

(Ariel, 09 março 2020)

Um Conto de Falhas, Beatriz Graça

@beatrizgraca__



Puxaste-lhe pétala a pétala.
Querias uma resposta,
Sussurraste-lhe ao ouvido.
Despiste-a.
Pétala a pétala.
Fim do interrogatório.

A resposta estava o tempo todo nas tuas mãos.
Olha.
Olho no olho.
Mas não olhaste,
Acreditaste no que querias acreditar.

Soprei-a das tuas mãos.
E ela voou,
Em pó se tornou.

Percebi que a tinhas despido por entretenimento,
Por diversão de um coração
Em constante aborrecimento.

(Mal me quer, fevereiro 2020)

Um Conto de Falhas, Beatriz Graça

@beatrizgraca__

I.

Perfeita

é a mulher
que leva nos seus lábios

o rio

que desaguou entre as minha coxas.

II.

O aroma da flor de laranja
seduz

a madrugada

que eclode
lentamente

perante os meus lábios.

III.

Que deleite este meu...

tocar-te suavemente
com a lua

que vagueia

silenciosamente
nas minhas mãos.

Margarita

Amor Desfeito

"Levei o recheio à noite
Retive a lua ao meio
Deitei-me de ventre ao peito
E de leve, no leito...
...amei-a num amor desfeito"

(Lx. noite de 23 Março 2011)

Madeira Queimada

Afinal...
Foram vales de fuga, ou coisa nenhuma?

Jaz naquela concha, mais uma caneta tua
São cartas de amor, que nem saíram à rua?
Mas a mão é certa, e o carvão acumula

Já nada me chama?
Madeira queimada, não sabe a quem ama.

Évora, Equinócio de Outono, 2019
(Edição no Verão de 2022)

Mais uma Julieta igual

Sobrou-me um coração?
Um deles amei de menos, não lembro qual?
Mais uma Julieta igual.

Sobrou-me um copo de vinho?
As duas bebemos, não brindei igual?
Mais amor sem sal.

Lembrar o que bebeu Orfeu?
Lembrar o que Romeu disse?
Era um amor para sempre, e era na velhice?

A velha sem cerca, na porta seguinte?
A fonte que seca, na roda demente?

Um pedinte sem beira, esclarece:
"Vai lavando a tua roupa... um dia, o amor acontece."

(Évora, 7 Julho 2017)

Volta

largas de vaidade
já sei tudo de tua vida:
que tens outras
e que não queres ser de ninguém

teu trânsito de corpo em corpo
não me atrapalha a alma
quero você, seus significados,
sua conotação escancarada em minha língua

Ostras

amor ostrácico de paredes próximas
de espaço reduzido
de fronteiras e limites postos:
cerceia a fome de público desejo
expõe ao privado sentimentos só de duas

ostracismo voluntário
desistência de palmas ou vaias ou aclamações
deixar de lado
encostar o megafone no canto de parede
e pichar de uma cor só
o outdoor do agrado
da troca de corpos cúmplices
no silêncio de estar em par

Luciana Queiroz

Referência bibliográfica: QUEIROZ, Luciana. Nua sob escamas. São Paulo: Patuá, 2016.

La Découverte

Tes yeux qui brillent et qui se collent aux miens
Le monde se fade car ton regard me retiens
Soudain tes cheveux te cachent
Pour que mes mains dénuent ton visage
Ta joue cherche le nid de ma paume
Les pièces s'unissent tel un baume
Notre amour est un pèlerinage

Sourire riche de malice
Regard qui incite
C'est un jeu
Et je te veux
Passionnement
Et tendrement

Pilar Grange

O Clube Safo decidiu publicar todas as submissões na língua em que foram escritas originalmente. Por não haver tradução disponível, segue uma nota explicativa do conteúdo: Este poema é uma projeção sensual de um amor a querer ser explorado. Um jogo de linguagem entre o gesto e um olhar apaixonado. A descoberta de um possível.

Dans l'obscurité

Bouillon de sensations et émotions entremêlés
Émanent de l'etresinte de nos corps scellés
À l'abrit dans l'obscurité, aveugles sont les yeux
Nos cœurs cherchent et battent à l'unisson
Nos âmes unies dans un frisson merveilleux

Le plaisir si simple de notre câlin
Est trop grand pour nos jardins
Un mouvement
Doux
Entraînant
Subtile danse aiguisant le goût
Tes fesses me cherche et mon anche te veux
Ma main s'abreuve de ta peau
Nos poitrines pulsant
Dans un désir ardent
Chaleur mouillé
Bataille doigté
Je t'aime
Et je te veux
Tant

Pilar Grange

O Clube Safo decidiu publicar todas as submissões na língua em que foram escritas originalmente. Por não haver tradução disponível, segue uma nota explicativa do conteúdo: Este poema evoca uma ligação profunda entre duas pessoas na escuridão, através de uma dança íntima em que os seus corações batem em uníssono. Celebra a harmonia, a paixão e o erotismo, mostrando que emoções intensas emergem mesmo em momentos simples.

On new names and pronouns

the satisfaction
of mastering pleasure is found
mostly on their own.

the tongue revived
a finest extreme existence
varied and diverse

hard to determine
not easy to reason:
personal names

unfamiliar deal:
a pronoun difficult to learn,
to master to be heard!

Thus every person,
strongly seen and represented,
and with its own name

genders ultimate.
lips feel, wishing to learn more.
new names follow.

Vero.Occam.Rigah

neurodifferent.me/@veroalgo

O Clube Safo decidiu publicar todas as submissões na língua em que foram escritas originalmente. Por não haver tradução disponível, segue uma nota explicativa do conteúdo: Este poema aborda a complexidade e a importância da aprendizagem e uso correto de novos nomes e pronomes pessoais, destacando a diversidade e a representação individual.

No laboratório de fotografia:

virei a cabeça para trás.

Vi a mão dela a virar fotografias na água cheia de químicos. Estou aí. A ver

a água a desenhar esse mapa. Está à superfície ou submerso?

Saí. Fui até ao fim da cidade. Há rio, só rio, metal, asfalto e prédios.

Atraca-me. Onde a água não é funda.

Continuo a ouvir o barulho. (Tão) silencioso!

Vim a andar tão rápido. Se não continuar vou cair.

Desde que vá até ao fim.

Atracada, não quero resistir, cá. Fiquei e escrevi.

“lista de razões pelas quais eu queimaria todas as cidades:

Razão número 1 – destroem a minha libido

2 – Destruir implica renovar”

Renovar implica tatear.

O que fazer com todo este metal?

De todas as paisagens interrompidas por metal.

Eu prefiro a que construí dentro de mim

Ouve o barulho da cidade em destruição.

Acompanha o barulho da cidade em destruição.

Se tu olhas para mim, para quem é que eu olho?

No fim da primeira parte de *Retrato de uma rapariga em chamas* (Céline Sciamma, 2019), a pintora Marianne termina o retrato de Heloise e decide que lho quer mostrar mesmo antes de mostrar à condessa. Quando Heloise vê, atentamente, a obra diz que o que está ali representado não é ela, ao que a pintora responde que é, mas segundo as regras e convenções da pintura. Entretanto, Heloise diz “se não está próximo de mim, eu até compreendo. Mas o que é triste é não estar próximo de ti”. Com o pouco contacto que tinham, a protagonista sabia que nunca ia ver um retrato próximo de si. Ainda assim, esperava ver algo que fosse próximo da pintora e não das regras de que fala, que fazem sobretudo com que ela pareça uma figura convencional para agradar o seu futuro noivo.

Até aí, o filme centra-se nos olhares entre as duas personagens. Os planos são longos, as duas estão muito poucas vezes no mesmo enquadramento. São vistas pelo espectador em campo-contra campo e, nas cenas em que caminham na praia, é a cadência dos olhares que comanda a montagem entre o plano de uma e o plano da outra. Esse jogo do *gaze* preenche a primeira parte do filme até à cena que descrevi. Marianne olha porque precisa de fazer notas mentais das características físicas de Heloise para a pintar, Heloise porque repara em Marianne e, por isso, retribui-lhe o olhar, com uma expressão muito mais inquisitiva. A banda sonora do filme é feita de sons concretos, os passos na madeira e na areia, o vento, o mar, a lareira.

O ritmo do filme é o ritmo dos olhares e, a certa altura, do desejo que cresce entre elas. Para além disso, até à cena que referi elas são, praticamente, as únicas pessoas que aparecem. Sabemos que há um futuro marido e ele nunca aparece, nem em retrato. Para além de só haver mulheres em campo, o filme também foi feito por uma equipa constituída maioritariamente por mulheres, num ambiente de grande colaboração entre equipa e realizadora e entre realizadora e atrizes. A colaboração e a igualdade são tão importantes no *set*, como no filme, principalmente a partir desta cena em que o retrato é revelado pela primeira vez. Depois do diálogo com Heloise — e antes de a mãe o ver — Marianne decide destruí-lo e compromete-se a fazer um novo. Heloise diz que está disposta a posar para o segundo quadro e a matriarca dá-lhes cinco dias para o terminar. O retrato no filme é, também, uma forma de resistir ao *male gaze*, de criar o espaço necessário para centrar

a história nas duas mulheres e a sua colaboração e para estabelecer que o olhar e, por conseguinte, a narrativa lhes pertence.

Se Marianne nos aparece como a personagem que tem mais poder sobre a sua vida, já que pode não casar e pode ser pintora, apesar de ter de submeter os seus trabalhos sob o nome do seu pai, Heloise mostra, ao longo da obra, que é muito mais do que a pessoa que é obrigada a casar e que é observada. Muitas vezes, são os seus diálogos sagazes que fazem a história tomar um novo rumo. Como dizia numa das cenas em que pintam, “Se tu olhas para mim, para quem é que eu olho?”.

Em *Portrait*, o ato de olhar torna-se numa “necessidade diegética” (Stacey, 2022)¹, já que é a observação atenta de Marianne e a forma como, aos poucos, Heloise vai retribuindo que constroem a história e que são o centro das cenas mais importantes. Se tudo começa com a necessidade de pintar às escondidas, através do seu olhar elas vão criando um código entre elas, que se torna mais evidente depois da cena em que Heloise se dispõe a ser pintada. É a lentidão dos olhares e das caminhadas que cria a tensão que elas constroem e destroem no final de tudo, quando o retrato é terminado e têm de se separar. E essa atenção ao olhar como símbolo do desejo entre mulheres, que aqui é algo central, é recorrente tanto nos filmes sáficos, como no cinema feminista. Aqui, é o que cria a “subjetividade lésbica” (Bradbury-Rance, 2019)² e, ao mesmo tempo, trata a sexualidade com sensualidade sem dessexualizar a história. Assim, o desejo não se centra nos motivos conhecidos da narrativa heterossexual, mas acontece durante todo o filme com a repetição dos olhares, dos cenários, das ações e das expressões delas.

O retrato é como uma terceira personagem, um interveniente silencioso que está entre elas e é tanto o símbolo das suas diferenças iniciais, como do desfazer dessas diferenças. Por fim, tudo isso está ligado ao papel da espectadora. Céline Sciamma está a realizar um filme que não tem medo de trabalhar as particularidades da vivência lésbica e dos seus gestos, ainda que tenha a ambição de ser um filme ainda maior do que isso. É uma utopia, uma quase realidade alternativa, sem homens, sem relações afetadas por classe, por sexualidade ou por expectativas alheias.

Francisca Antunes

1. BRADBURY-RANCE, Clara. *Lesbian Cinema after Queer Theory*. 1ª edição. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2019; 2. STACEY, Jackie. *Lesbian cinema without lesbians: portraits, lovers, siblings*. Screen. Chicago, vol. 63, 3, 279-308, Setembro de 2022

QUEER MIGRATION & POST-COLONIAL DYNAMICS IN BRAZILIAN MIGRATION TO PORTUGAL



BY ISADORA PINHEIRO

The concept of "queer migration" and the dual marginalization of queer migrants highlight how colonial histories and post-colonial legacies **continue to affect marginalized communities.**

In the context of Brazilian migration to Portugal, former colonial relationships play a role in shaping contemporary social dynamics and power relations. The colonial body can be understood through the lens of how migrants from former colonies (like Brazil) are perceived and treated in the former colonial power (Portugal). The intersections of **race, sexuality, and migration show how bodies are regulated** and disciplined in ways that reflect colonial and post-colonial hierarchies.

The text emphasizes the need to understand migration through an intersectional lens, considering how historical and contemporary power dynamics, shaped by colonialism and significant political changes, impact the experiences of marginalized groups. This approach highlights the ongoing relevance of colonial histories and the transformative potential of inclusive and participatory urban spaces.



QUEER MIGRATION

The reasons for migration vary, among work migration, looking for better economic opportunities, politics in the home country, escaping from violence in their cities in Brazil, study migration, raising a young family, and lifestyle. The last category encompasses queer migration, a term which I will explore deeper in this article.

The concept of queer migration is crucial, because it draws the theoretical line on the specific group I am focusing on. Reclaiming this terminology of “queer” migration, and not “migration of queer persons”, it is important to claim the term “queer”, that used to be used as a pejorative way to discriminate against people within this group, and use it proudly in academia, occupying spaces that werenot before made for this group. Appropriating the term, and using it proudly in academic research is a way of claiming space in this field, where people have been neglected for generations.

The focus on queer migration provides a framework for understanding the specific experiences of Brazilian migrants to Portugal. The dual marginalization faced by queer Brazilian migrants echoes the broader struggles of navigating post-colonial identities within the context of migration. The historical context of Brazilian migration to Portugal is rooted in the colonial relationship between the two countries. This relationship



influences contemporary migration patterns and the social integration of Brazilian migrants in Portuguese society.

One of the scholars that have importance in this area, is Eithne Luibhéid, in her work *Introduction: Queering Migration and Citizenship*, she goes over the notions of interconnectedness of sexuality and migration; intersectionality of migration; queer migration as a critical framework; sexual citizenship; and challenged in queer migration research.

Introducing a queer perspective in migration studies, Luibhéid argues that there is a need for more inclusive and nuanced investigation and understanding of this dynamic, and that immigration policies are influenced by and at the same time, shape sexual norms and identities in societies. This is clear through this quote: "Queer migrations involve the ways that migration regimes construct and regulate sexuality, and how sexual norms and identities shape migration experiences and policies" (Luibhéid, 2005, p. 13). Meaning that, sexual norms play an important role in including or excluding migrants in national borders, both before getting in, and once settling in. There is a crucial importance, according to the Luibhéid (2005), to see migration and study it through an intersectional lens. The diverse social categories are interconnected and influence the living experiences of migrants.

When addressing the dual marginalization queer migrants suffer, she points out that "Research on queer migration must grapple with the invisibility and marginalization of queer migrants within both queer and migrant communities" (Luibhéid, 2005, p. 24). And this calls for dedicated research that looks into the experiences and challenges of this unique group.

Chen (2023) points out the importance of studies evidencing the interactions between sexuality and migration among young people. According to them, alongside other socioeconomic factors, sexuality plays a big role in being a migration factor, affecting people's decision.

"Migrants' experiences are shaped by the intersections of sexuality, gender, race, class, nation, and other social hierarchies" (Luibhéid, 2005, p. 15). Meaning that there are many different aspects that play a significant role in the journey of the individuals in their migration. Chen (2023) stresses that the migratory experiences of this group is not limited to their sexuality, as other factors such as emotions, social integration, intimacy, their identity evolution, the potential inequalities they might suffer in the new society, as well as their ever evolving relation with their origin countries.

The Revolution in 1974, marked a significant shift towards democracy and social freedoms. This political change created a more open and inclusive society, and has implications for how migrants, including queer individuals, are received and integrated. The Revolution's emphasis on rights and freedoms can be connected to Henri Lefebvre's concept of "the right to the city." The demand for inclusive and participatory urban spaces reflects the societal changes initiated by the Revolution, where marginalized groups, including queer migrants, intend to claim their space and rights in the city.

THE RIGHT TO THE CITY

Following this idea of adaptation to a new culture, public spaces in the city play a crucial role for the citizens. As Henri Lefebvre said in his famous work *Le Droit à la Ville* (The Right to the City), "The right to the city is like a cry and a demand." (Lefebvre, 1968, p. 158)

The author writes that the right to the city is not only a legal right, but an important demand from the oppressed and marginalized groups of society. Meaning that there are difficulties in being included in the processes that form the cities by some groups, including in decision-making and how to shape the spaces for all.

For Lefebvre the right to the city "is a right to urban life, to renewed centrality, to places of encounter and exchange, to life rhythms and time uses, enabling the full and complete usage of moments and places." (Lefebvre, 1968, p. 179). Showing his vision of how the urban spaces should be inclusive and dynamic, and the importance of cities being spaces where people are free to interact and engage in meaningful activities, while experiencing rich communal lives.

Living in the city in a meaningful way is a right that should go beyond traditional individual rights. Social and collective rights, especially the need for freedom, community and living and thriving in urban environments should be taken into consideration. Human creativity, as well as collective participation and effort are, in his view, that shape the urban spaces.

Lastly, when the author writes that "The right to the city is the right to change ourselves by changing the city." (Lefebvre, 1968, p. 183), this is the deep importance of the relationship between the citizens and the urban spaces. Meaning that, when people transform the city, they can also transform their own lives and identities.



Nancy Duncan, following the theoretical approach and base of Lefevbre, but bringing it to a more contemporary field. Discusses the importance of the public and private dichotomy when talking about marginalized groups in society, in this case, the LGBT+ groups. In her work *Renegotiating gender and sexuality in public and private spaces*.

Sexuality in Public and Private Spaces, the author explains three core concepts within this study. Her work focuses on advocating for a city that supports and embraces diversity and inclusivity of all people. The most important concepts in the work are: first, spatial justice and inclusion; second, the transformative urban practices; and third, public spaces and citizenship. Duncan argues for "the right to the city as a right to create spaces that accommodate diversity and difference, challenging exclusionary practices and spatial injustices" (Duncan, 1996, p. 128).

In the aforementioned work, she advocates for spatial justice and inclusion, meaning that the urban spaces should be welcoming and accessible to all individuals, not taking into consideration their identities and backgrounds.

"Public spaces play a crucial role in the enactment of citizenship, where individuals can express their identities and participate in civic life" (Duncan, 1996, p. 135). This reflects the need for transformative urban planning, and proactive practices that go beyond the ideas of inclusion, but focusing on reshaping the way cities function, and how they serve the diversity of people living within the same spaces. Nevertheless, these open and inclusive spaces are important so citizens can engage in civic life and express their identities openly.

CONCLUSION

Examining the intersections of queer migration, colonial legacies, and the transformative impact of the 25 of April Revolution in Portugal, this article focuses on the complex experiences of Brazilian queer migrants in Portugal. Reclaiming "queer" in academic discourse challenges historical stigmas and asserts the visibility of LGBTQ+ individuals within migration studies. The historical context of colonialism continues to influence the social dynamics of Brazilian migrants in Portugal, showing the persistent impact of former colonial relationships. By integrating these perspectives, we can better understand and support the challenges faced by queer migrants, seeking for a democratic and plural society.

PT Conclusão: Examinando as intersecções da migração queer, do legado colonial e do impacto transformativo da Revolução do 25 de Abril em Portugal, este artigo foca na complexidade das experiências de migrantes queer brasileiros em Portugal. Reinvidicar/Reclamar o termo "queer" no discurso académico desafia estigmas sociais e afirma a visibilidade de pessoas LGBTQ+ dentro dos estudos de migração. O contexto histórico do colonialismo continua influenciando as dinâmicas sociais de migrantes brasileiros em Portugal, demonstrando o impacto persistente das antigas relações coloniais. Ao integrar essas perspectivas, podemos compreender e apoiar melhor os desafios enfrentados pelos migrantes queer, buscando um ambiente democrático e uma sociedade plural.

Sources: Chen, C. (2023). Migration et (de)socialisation sexuelle: le cas des jeunes migrants homosexuels chinois en France. *Migrations société*, 35(192), 131-145; Duncan, N. (1996). Renegotiating Gender and Sexuality in Public and Private Spaces. In N. Duncan (Ed.), *BodySpace: Destabilizing Geographies of Gender and Sexuality* (pp. 127-145). Routledge. Lefebvre, H. (1968). *Le Droit à la Ville*. Paris: Anthropos.; Luibhéid, E. (2005). Introduction: Queering Migration and Citizenship. In E. Luibhéid & L. Cantú (Eds.), *Queer Migrations: Sexuality, U.S. Citizenship, and Border Crossings* (pp. ix-xlvi). University of Minnesota Press.

O Clube Safo decidiu publicar todas as submissões na língua em que foram escritas originalmente. Por não haver tradução disponível, segue uma nota explicativa do conteúdo e a tradução da conclusão:

Este artigo foca-se na migração queer e nas dinâmicas pós-coloniais da migração brasileira para Portugal, em como o colonial e o pós-colonial continuam a afetar comunidades marginalizadas e como a intersecção de raça, sexualidade e migração afeta como os corpos são tratados em Portugal sob o reflexo das relações coloniais.

SOU NINA, MULHER TRANS

POR NINA

Sou a **Nina, Mulher Trans**, em transição desde 2020 de Masculino para Feminino, de Mem Martins e tenho 48 anos.

Neste momento encontro-me a aguardar a consulta do endocrinologista, que ainda deve demorar um tempo, já que o SNS é muito tempo e não consegue dar resposta a todos os pedidos. Comecei em Março de 2020, em plena Pandemia, com quase tudo parado, ainda foi avançando. Tive mudanças de psiquiatras, consultas remarcadas, até que em 2023 acabei por me estabilizar, com a normalidade de tudo que nos rodeia. A partir daí, já foi mais rápido. Pelo meio ainda fiz testes psicotécnicos e até um autorretrato, para determinar a disforia de género. Já não me sinto bem como "ele", sinto-me melhor sendo eu mesma, mesmo tendo iniciado no Crossdressing, só veio ainda confirmar mais a Mulher que me sentia.

É uma longa jornada, já foram 4 anos. Há de vir mais 4 anos, com a terapia hormonal prestes a começar e, como o Psiquiatra me explicou,

começar pela afirmação social, ou seja, fazer a Transição social, que saio assumida, na rua, com olhares, alguns comentários, mas até aqui tudo bem. Ganhei auto confiança. O problema vai para a casa de banho, não é fácil, sempre com medos e receios, mas também só lá vou arranjar o cabelo, passar um baton e verificar se tenho dinheiro e as coisas todas. Nada de mais.

Tenho sido bem tratada e bem atendida, não tenho tido qualquer tipo de discriminação, fora os comentários, como é óbvio. A parte mais chata é quando as entidades me chamam pelo nome normal, em vez do nome social, mas isso acaba-se quando mudar o nome do cartão do Cidadão, e aí começa a aventura de mudar os nomes aos documentos todos.

Ainda não fiz o coming out, ando cheia de medo, procurei ideias, procuro ideias, lá vou dando uns toques de ser Trans para ver se percebem, já desconfiam de qualquer coisa. A terapia hormonal vai trazer tudo à tona, portanto, tenho de me despachar. Isto é uma vida dupla, onde já não me sinto bem, quero assumir-me de vez por todas para o universo inteiro. Mas cada família tem uma maneira de ver as coisas, são todas diferentes. É uma altura da vida que tudo muda ainda se cria um futuro de Mulher, com um mundo inteiro cada vez mais contra o pessoal Transgénero. Lá vou seguindo a minha jornada, daqui a meses assumo-me no trabalho, pode ser que corra bem, não é muito difícil.

Ser Mulher e ser Mulher Trans, não é fácil, são lutas, são forças que se têm de obter de algum lado, mas esperar que tudo acabe em bem. Haverá amizades perdidas, amizades novas.

Uma vida nova vista de maneira diferente. Mas não me arrependo, sou a Nina, sou eu mesma.

E nunca desistir, jamais!

DIÁRIO DE UMA NOIVA LÉSBICA



POR CAMILA LAMARTINE

Como muitas meninas do século passado, cresci estimulada — e poderia até dizer pressionada — com a ideia fantasiosa da festa de casamento. Um evento grandioso, para muitas pessoas, onde o meu pai me entregaria à pessoa da minha vida (que seria com certeza um homem, sem espaço para dúvidas). Preciso confessar, já agora, que nunca fiz esse tipo. Este sonho era, na verdade, um pesadelo para mim. Porquê me colocaria na posição de um objeto? De ser repassada à outra pessoa?

És que fui pedida em casamento — e felizmente, não por um homem. Num lindo dia de dezembro, o sol de Roma foi testemunha da minha resposta afirmativa à construção de uma nova família. Apesar dos olhares, muitos surpreendidos, o momento foi mágico, especial e, naquele instante, eu decidi que queria partilhar a minha alegria avassaladora com quem anda e permanece ao meu lado.

E assim começou a minha pequena história enquanto noiva a organizar uma celebração de casamento. Como casal feminista, fizemos questão de estimular os pequenos negócios de mulheres e pessoas LGBTQIAP+, sem esperar que fosse algo complicado, afinal, século XXI e casamento homoafetivo mais do que legalizado.

Primeiro passo: encontrar uma assessoria. Já na primeira reunião a frase “Noivinha, seu sonho é meu sonho” me embrulha o estômago. Ao perceber que eram duas mulheres, o desconforto, muito mais relacionado com a forma de lidar, não passa despercebido. E assim seguem os demais passos e contratos, sempre com um espaço específico para assinatura da noivA e noivO.

No planeamento para a celebração, como será a ordem? Quem vai esperar no altar e quem vai entregar a noiva? Eu vos declaro Mulher e Mulher? A lista é mesmo longa... E ainda ouvir que fica um bocado estranho as duas de vestido a carregar o tal buquê de flores, ou que teríamos de colocar, impreterivelmente, todas as cores do arco-íris para facilitar — mas facilitar o quê? Obviamente não sabem as cores da nossa bandeira específica, se é que sabem que temos uma bandeira.

Foram questões que, educadamente, respondi. Na intenção de informar e desmistificar, mas sobretudo, de me posicionar. Trata-se de uma indústria completamente heteronormativa, onde os papéis sociais já são implicitamente definidos no significado da palavra “casamento” que ganha fogo nas premissas religiosas e políticas que insistem em propagar a falácia da “ideologia de género”. O despreparo de atender um casal lésbico é evidente, embora as últimas estatísticas mostrem um aumento considerável nos números deste tipo de registo.

Vontade de desistir? Muita. É um dizer baixinho “tens a certeza de que vais fazer isso?” atrelado ao “tudo bem casar legalmente, mas para quê fazer uma festa, evento social?”. A minha resposta não poderia ser mais simples: porque SIM. Porque quero, posso e devo. Porque há um fator político que me traz aqui. Porque celebro esse encontro, o amor, a escolha e a liberdade de ser casal com quem eu assim desejo.

Não quero ser produto para estampar o Instagram dessas pessoas no mês de abril ou nos diversos dias de Visibilidade LGBTQIAP+, já que alguns sequer sabem diferir as letras desta sigla. Não admito que usem o “love is love” como publicidade e retirem toda a potência de luta que nós e nossa ancestralidade combativa firmou. Não permito que marginalizem meu amor e o direito de amar. Não me escondo, me deixo ser vista.

Após tantos entraves e diversas microagressões que tendemos a naturalizar, me sinto pronta para dizer o tão esperado “sim” no altar, na frente do mar e de tantas outras pessoas queridas. Na frente da sociedade misógina e lesbofóbica, na frente da família conservadora e preconceituosa que irá presenciar o primeiro casamento homoafetivo de sua história.

Agora, a espera de outubro chegar, energizada pelo afeto de amores e amizades, me guio pela frase que estampa toda a identidade visual do meu casamento: “o amor é o que o amor faz”, como dizia bell hooks. É o fazer diário, se colocar, se permitir. O amor é político. Entre duas mulheres então, o amor é revolução.

No próximo diário eu já serei esposa da minha mulher.

Caro Cavalheiro,

Se eu precisar de ajuda, eu peço.

A sociedade machista ensinou aos homens que eles são fortes e que o seu valor vem de ajudar as mulheres fracas, e ensinou às mulheres que são fracas e que o seu valor vem de ser ajudada pelos homens fortes.

Imagina queres viver a tua vida, fazer coisas simples que és muito capaz de fazer, e ter pessoas à tua volta que sem te perguntarem não te deixam agir por assumir que não consegues. Provavelmente vais ficar muito irritado de estar a ser interrompido e vais te sentir insultado por terem achado que não eras capaz. Se acontecer suficientemente vais acabar por acreditar que não és capaz, que és fraco.

O teu papel, enquanto pessoa educada homem forte, não é de te intrometeres nas vidas das pessoas e ser seu salvador não requisitado, mas de lhes dar o espaço para serem fortes por si próprias e de apenas ajudares se for realmente preciso.

Desejando-te um bom *soul searching*,

Uma Pessoa Capaz

PSILESBOS

LINHA DE APOIO

Segundas e quartas

18h – 21h (Horário Portugal Continental)

960291969

— FICHA TÉCNICA

Coordenação

Inês Rua

Design

Inês Santos

Apoio na elaboração

Ana Pires

Paula Monteiro

^{PT} Este projeto é financiado pela EuroCentralAsian Lesbian* Community e cofinanciado pela União Europeia. O seu conteúdo é da exclusiva responsabilidade do Clube Safo, que está a implementar o projecto, e não reflete necessariamente as opiniões da EuroCentralAsian Lesbian* Community, nem da União Europeia.

^{EN} This project is funded by the EuroCentralAsian Lesbian* Community and co-funded by the European Union. Its contents are the sole responsibility of Clube Safo, who is implementing the project, and do not necessarily reflect the views of the EuroCentralAsian Lesbian* Community, nor of the European Union.



Funded by the
EL*C



Co-funded by
the European Union

